



Missão

11/09/2015

Quando na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* fala da missão dos cristãos no mundo, o Papa Francisco corrige uma expressão mais comum em que se diz que todo o cristão deve ser *missionário*, discípulo e missionário, propondo uma formulação diferente segundo a qual os cristãos devem considerar-se *discípulos missionários*. Com isto o Papa Francisco quer dizer-nos que a missão está inscrita no nosso ser, na linha, aliás, da afirmação de S. Paulo: ai de mim se não evangelizar. Portanto, todo o discípulo de Cristo, seja qual for a sua condição ou estado de vida na Igreja, é *missionário*, deve estar na lógica da *saída* de uma *Igreja em saída*.

Esta sensibilidade pela dimensão intrinsecamente missionária da vocação do cristão no mundo foi consagrada no concílio Vaticano II no decreto sobre o apostolado dos leigos, *apostolicam actuositatem*, tema que tem sido retomado pelo magistério da Igreja. Paulo VI desenvolveu este tema na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, de 8.12.1975, tema retomado por S. João Paulo II, na exortação apostólica *Christi fideles laici*, de 30 de Dezembro de 1988.

A tónica dominante da missão dos leigos recai sobre a *consagração do mundo*, sobre a *santificação e consagração das actividades terrestres*, sendo então o *mundo* o espaço próprio da actividade apostólica e missionária dos leigos, donde a natureza *secular* do seu apostolado e da sua missão. Trata-se essencialmente de viver a santidade cristã no mundo, na construção da cidade, da economia e de um estilo de vida e de costumes que correspondam ao evangelho. O discípulo de Cristo, que O segue nos caminhos do mundo, leva a sua cruz num estilo de vida que colhe a sua inspiração na escuta da vontade de Deus e na disponibilidade para a cumprir, nada antepondo a Deus. É assim que se cultiva o cuidado respeitoso e delicado na relação com os outros, que se diz na *castidade* e no desprendimento dos bens, colocando-os todos ao serviço de Deus e de todos os necessitados, no cultivo do espírito de pobreza. Estando no mundo, o cristão deve cultivar a sabedoria de se dedicar a tudo o que é honesto e bom; de purificar e aperfeiçoar o que seja imperfeito; de evitar o que seja desonesto e impuro.



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

Como Movimento das Equipas de Nossa Senhora, somos convidados e interpelados para a missão, para testemunhar na Igreja e no mundo o que nós próprio, em termos de carisma. Quando o Papa Francisco nos convida a sair e a ir às periferias, está a usar uma linguagem que, interpretada à letra, nos poderia levar a pensar que devemos ser como os missionários clássicos, que partem para longe, em missão *ad gentes*. Mas o Papa Francisco tem o cuidado de precisar que sair e ir para as periferias passa pela atenção cuidada a quem está ao nosso lado, na nossa periferia e aí, de pessoa a pessoa, anunciar pelo testemunho a alegria do Evangelho, que não é o mesmo que a felicidade, mas sim a alegria que é fruto da paz que, por sua vez, é fruto da reconciliação e do perdão, aquela superabundância de amor que se manifesta na relação com o inimigo, porque só o amor que imita o amor crucificado de Jesus Cristo pode tornar amável o que aparentemente ou na realidade não o é.

No nosso caso concreto, de Equipas de Nossa Senhora e de casais e Conselheiros Espirituais que vivemos este carisma, trata-se de irradiar o testemunho de como é possível viver a santidade *em casal*. Foi esse o carisma do nosso Movimento desde o início; e continua a ser esse o nosso carisma hoje. Como é belo e como é bom viver a santidade em casal, viver a riqueza do sacramento do matrimónio. A santidade do casal é fruto do sacramento do matrimónio, nos seus bens e nos seus fins, que havemos cuidadosamente de meditar e que eu próprio espero desenvolver nas próximas cartas que dirigir a todo o Movimento.

Se formos fiéis ao nosso carisma, então será muito fecunda a nossa missão; estaremos em saída, atentos às periferias daqueles que estão junto de nós e que já não acreditam na bondade do casamento nem que seja possível um amor unido e fecundo de duas pessoas que no Senhor se estimam e são fiéis durante toda a vida, porque acreditam e vivem a fidelidade como vitória do amor sobre o tempo.

P. JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS, S.C.J.